

O ARARIPE.

O ARARIPE é destinado a sustentar as ideias livres, proteger a causa da justiça, e propugnar pela fiel observancia da lei, e interesses locais. A redação só é responsavel pelos seus artigos; todos os mais, para serem publicados, deverãõ vir legalisados.

O preço da assignatura é por um anno 4\$000 pagas a diantados; e por 6 meses sómente 3\$000. O jornal sairá todos os sabbados. Os assignantes terão gratis 8 linhas por mez, as mais serão pagas a 60 reis cada uma. Os ns. avulsos vendem-se a 50rs.

CRATO — TYPOGRAPHIA DE MONTE & COMP. — CAZA DO PIZA. — N.

O ARARIPE.

A SEPTEMBRISADA.

Quem vence não tem crime

Procede-se actualmente nestu Cidade á instrucção do processo pela catastrophe de setembro.

Vae mais este facto reunir-se aos muitos outros, que fazem das paginas da historia brasileira um quadro de horrores. Nenhuma outra nação moderna possui, por sem duvida, uma chronica mais negra que o recente imperio.

Vejam os personagens, q' influem neste processo.

O juiz é o sr. Cunha, o antigo vice-presidente, que armou, protegeo e encorajou os massacradores. As bases, sobre que procede, são as informações ministradas pelos executores do pensamento eleitoral desse magistrado, que commandou no dia fatal, e contra quem existe a voz de uma viuva, que pede justiça. Há mais por ahí um relatorio do promotor da comarca, seida do sr. Jaguaribe, papel que nada mais exprime, que a mesquinha dependencia, em que se acha o advogado da justiça para com seu amo. O sr. Pessoa, saquarema do ventre, quis se mostrar grato a quem supõe dever o pão.

Nesta causa a consciencia, que julga, é o desejo de innocentar a si e aos seus; o empenho judicial, salvar amigos. E' o jacobino julgando os massacradores de setembro.

Quando se tratou da vinda do sr. Cunha para conhecer dos negocios do Crato, dicemos logo: Aqui não ha esperança para as victimas, tudo é probabilidades em favor dos criminosos. Para assim pensar nos habilitavaõ a posição, caracter, compromissos, interesses politicos, amidades e finalmente um certo abandono de si, que curvaõ o sr. Cunha ante a vontade indeclinavel de uma potencia ridicula, que assumio a dictadura da provincia. Entretanto, cumpre dissel-o, tinhamos toda a convicção de que o sr. Paes Barreto não annuiria a esse desejo do partido saquarema. A cousa em si era tão absurda, que dorribaria a reputação de honesto, que esse administrador se tinha conquistado, e só foi com a chegada do sr. Cunha, que nossa illusão se desvaneeo.

Vivesse o sr. Paraná, e nós não teriamos a contemplar mais esta scena de escandalo. Uma horriavel fatalidade o havia roubado a direcção dos negocios desde o dia 3 de setembro. Tanta alegria, que seu passamento derramou nas fileiras saquaremas, era um presagio bem funesto para o partido liberal. O homem, que demava o partido da

força, não existia mais, . . . o sr. Cunha foi pois enviado para o Crato, a reacção recommeeu e o crime ergueo a cabeça.

Apenas chegou a esta Cidade o sr. Cunha, a Senhora D. Isabel, viuva do nosso infelís amigo o sr. Landim, fes chegar a S. S. uma queixa contra os assassinos de seu marido. Esta queixa era por certo um perigo para os massacradores, o sr. Cunha, pois, fes uma diversão em favor delles. Prescindindo da queixa lançou-se n'um maremagnam judicial: abriu uma — devassa — a que deo o nome de processo geral. Neste procedimento existe um fim mui reconhecido. Enqueridas as testemunhas, que serão designadas á vontade, e, para illuir, em parte mesmo tiradas da gente liberal porem de entre aquelles, que tem razão de não poder depor do acontecimento como testemunhas oculares, serão afinal despronunciados os assassinos. Pode mesmo succeder, que não sendo absolutamente possível salvar por uma despronuncia o ex-delegado José Ferreira, porque pode a viuva de novo intentar sua queixa perante qualquer outra autoridade, seus amigos lhe aconselhem a resignação por alguns dias, e o sr. Cunha o pronuncie, com a mira em que o sr. Jaguaribe e Promotor saberaõ fazer o resto. Para isto o Jury ja foi previamente sorteado a dedo, e funcionará em unanimidade para absolver a grande victima! Isto será obra de poucos dias, e a viuva não terá mais o direito de recurso, uma vez exbulhada do direito de authora e o negocio correndo a ex-officio da justiça.

Eis o paradeiro deste negocio.

E dir-se-ha ainda que o Brasil é uma nação regularmente constituida? Continuarão ainda a declamar contra a desordem, que leva pelas republicas do sul d' America? Ipocritas! que são esses carpideiros! Não vemos outro paiz, onde o despotismo e a injustiça mais extragos tenhaõ feito.

Temos administração? Temos ordem? Temos justiça? Temos probidade official? Temos lei? Temos juizes? Não. Temos somente a força, temos somente victimas.

Não ha hoje no Ceará crime algum em um acto qualquer q' seja, com tanto que venha de um saqua redio. O crime mais nefando é aos olhos dos srs. do dia um titulo á sua estima. Tal homem massacrõ o povo inerte, é um homem de execução. Protecção e favores a elle. Não faltaráõ crises, em que o interesse do partido reclame os servieos de seu braço.

E entre tanto, nenhuma recurso restará aos opprimidos? Não. Acima de tudo está Deus.

Podem juizes iniquos condemnar a innocencia,

salvar o criminoso; mas a historia, que enervavel pune as gerações, que passão, recomendará seos nomes á exaltação da humanidade. Eis ja um castigo maior que todos, os que o homem pode infligir. Na serie dos tempos tambem existe occulta uma mão, que fere o criminoso! Os poderosos, como os fracos, jamais escaparaõ à sua justiça. Um grande crime, o S. Bartolomeo, dir-si-hia impune, si nos quisessemos limitar a pessoa de seos authores. A providencia, que pune o crime nas gerações, não poupa o sangue da familia de Medices e Valois.

Sim, nenhum crime se julga impune. Mesmo na terra, que o vio, e na pessoa de quem o commetteo, a opinão e os acontecimentos o irão punindo.

Onde parou a cabeça de Danton, que ordenou o morticínio nas prisões de Paris? A justiça o poupou; mas sua cabeça não roloú menos do alto d'um cadafalso, com a de quasi todos os seos cúmplices. Si o senado romano poupou Cicero, que friamente fez estrangular os cúmplices de Catilina, Antonio lhe fez justiça espetando-lhe a cabeça e expondo-a no forum.

Fação o que quiserem: os assassinos do Crato seraõ punidos; nós o cremos piamente. O tempo . . . o tempo . . . Deos acima de tudo.

ACÇÃO DE GRAÇAS.

No dia tres do corrente o partido saquarema de joelhos sobre as lajes ensanguentadas de N. S. da Penha rendeo graças pelo seo triumpho eleitoral, ou não sabemos porque.

Foi um momento de delirio ascetico. O pensamento era outro; os Carahibas politicos querião dançar em redor de suas victimas. As hyenas farejavaõ o sangue.

Depois da festa da praça de Grève sobre as aras do patibulo, Robispiere se fez pontifice e sacrificou. Tambem o chefe saquarema quis exercer o pontificado a Moloch, o Deos de Cartago; quis offerecer-lhe, para tornal-o propicio, o sangue de 7br?

Mas as offerendas de sangue devem ser feitas em outros lugares. A finta do templo e das aras do pagão, não era em N. S. da Penha, porem alli assim no Barro-vermelho ao pé daquelle patibulo, ha 24 annos, erguido, que um tal sacrificio devia ser offercido.

Com as mãos tintas em sangue só o pagão se aproximava de seo Deos e lhe fazia offerendas. Mas o sacrificio de sangue ja ha muito deixou de existir na terra. . .

E que motivo poderia alli guiar esta gente?

Seria pelo triumpho da eleição? Não. Que vale isto, quando se pode cortar à punhal as difficuldades?

Seria, porque os candidatos se apresentaraõ sobre a forma de chuva de ouro? Não. Ouro chove todos os dias em taes algibeiras.

Seria pois porque o sangue correo e correo impunemente? Sim, sim, sim,

Haive mais um festim.

Antigos reis do Egypto, disia Voltaire a seo derradeiro hospede, em comendo, tinhaõ uma caveira á cabeceira da mesa. Eis um objecto, que devia decorar tambem as mesas desse festim.

O povo de Paris devorou os restos do marechal de Ancre, aristocacia saquarema, porque não mandaste vir os restos das victimas de 7br?

Triumpho de sangue, festim de ossadas.

Tambem as *tricoteuses*, chamadas furias da guilhotina, ao som da Çà irá dançavaõ em volta dos cadáveres na praça das execuções; trasiaõ ao peito joias com a forma do instrumento mortuario, e com a cabeça parodiavaõ a queda no fatal paneiro.

Imita tudo isto. Queres, que diga o lugar para estas solemnidades? O cemiterio.

Cromwel, quando estava bebendo, disia para os

que o procuravaõ, que estava consultando o Espirito santo. Os saquaremas, quando se estaõ rindo das lagrimas de uma infelis viuva, disem que estaõ rendendo graças ao Todo-poderoso.

Quando o imperador Pedro 1.º foi á Minas pela derradeira vez, era recebido nas Parochias ao som de signaes pelo passamento de Badaró; assim e com mais justiça devia ser solemnizado o tal voto de graças, e festim.

UM MAO DESEJO.

De quando em vez alguns Caricatas dos mais aduladores, pregão a necessidade de ser quebrada a Typographia do — *Araripe* —. Por este modo pretendem dispor alguns entes desmoralizados para que em uma quadra opportuna sejam elles que realizem tão criminoso pensamento, e os maquinadores salvem-se do ajuste de contas com nós.

Não temos dado péso a essas ameaças, mas não convindo deixal os passar despercebidos, somos forçados a declarar que posto escarnecemos de seos authores (perque sabemos quaes são os estupidos que taes desejos tem manifestado); com tudo estamos prevenidos para fazer solemne recepção aos taes quebradores de Typographia, e quiseramos que nesse caso esses valentões viessem ao estabelecimento como cavaleiros e em occasião que nós estivessemos em casa. Fugimos as lutas, temos mesmo odio as dissensões, do que havemos dado innumeradas provas, mas não sabemos recuar ante uma insane provocação. Do povo nada tememos, porque o povo inda não nos retirou sua confiança, e elle sabe que o *Araripe* é uma defessa aos direitos e liberdade desse povo que vive maçacrado e acobardado pelos despotas; só tememos, porque delles somos odiados, o ladrão, assassino, calumniador e o desmoralizado. Com semelhante gente estamos sempre em guerra e não tememos as consequencias da luta, porque se nella socumbirmos um outro liberal ficará que saiba instruir o povo.

UMA REVELLAÇÃO!

Sou chinangõ de todo coração, e si liguei me ao Miguel, foi unicamente para dar a queda no cabouculo Antonio Raimundo & Expressões de certo improvisado *liberal* ao sr. Porem. Para q' tanto rancor contra o pobre cabouculo, que é pequenino, embora já valesse alguma cousa, e tenha mesmo servido para salvar a alguns de feias' trapalhadas e ainda possue a chave de antigos e misteriosos segredos?

Misericordia meu Deos! Livrai ao cabouculo de tanto odio, e dai-lhe resignação para supportar tanta indignidade e ingratição.

O *Araripe*, tambem é cabouculo e nessas conjecturas elle dis que a prole de sua raça tem flexa e arco, e que com taes instrumentos, e com o raciocinio, saberá abater o vil orgulho d' aquelles que tentão contra seus amigos, e contra a liberdade do paiz.

UMA JUDICIOSA SENTENÇA

O sr. Pereira da Cunha, chefe de policia, dis, que as eleições desta cidade, a que elle assistio, foraõ feitas com toda regularidade!

E sa opinão de S. S. fas-nos lembrar o dito do vulgo: — quem hade gabar a noiva senão o noivo? mas nós cremos que os homens de consciencia desta freguesia não se conformaõ com a decisão ou juizo *desinteressado* de S. S., q' nessa materia é suspeito á muita gente. Tambem a eleição do Sabo-

eiro de mil e tantos eleitores foi regular!

Ora, para que despeitar assim o brio dos verdadeiros amigos desta terra?

Quando, sr. **Pereira da Cunha**, a maquina administrativa desta terra rodar em seos verdadeiros eixos, S.S. entãõ terá a gloria de diser, que tal eleição foi feita com toda a regularidade, mas agora, S.S. não o deve afirmar, porque os factos provaõ o contrario. Si S.S. se dêsse ao trabalho de tambem acreditar nos homens que fazem opposição à facção que domina esta comarca, ao certo que reformaria sua sentença, que cremos, não passará em julgado, porque oppomos-lhe embargos de falsidade.

ESTATISTICA DA FREGUESIA DE MILAGRES.

De Julho a Dezembro de 1855

Bati-ados.	Machos	—	149.	} 281.
	Femeas	—	132.	
Casamentos	—	—	—	71.
Obitos	Machos	—	36.	} 77.
	Femeas	—	41.	

De Janeiro a Outubro de 1856.

Batisados.	Machos	—	205.	} 436.
	Femeas	—	231.	
Casamentos	—	—	—	97.
Obitos	Machos	—	74.	} 144.
	Femeas	—	70.	

COMMUNICADOS.

AO PUBLICO.

Por cartas que recebi do Aracaty, se deprehende que as eleições alli foraõ feitas com fraudulencias, e a custo de dinheiro; tanto as de camara e Juizes de Paz, como a de Eleitores: na aquellas, disem que Pacheco gastara mais de trinta contos de res, e nestas, que gastou mais de quarenta contos de reis. Lá se vão por conseguinte mais de 70 contos, por conta de quem pertencer. Ora sendo o Pacheco hum negociante novo, não pode deixar de disfarçar assim o dinheiro que se achã a dever, e conseguintemente ataviar-se mal para com seos credores, pois que ja he vòs publica que elle para poder effectuar as compras de generos para certo carregamento, mandara tomar apremio no Maranhão trinta contos de res, debaixo da firma de Mendes & Irmaõ do Ceará. A ser isto certo, estamos persuadido, que acontece a Pacheco, o que aconteceu a João Chrizostomo de Oliveira com a eleição de 1854; que prodigalizando dinheiros para os seos capangas, e votantes, e para a peita que disem fez ao commandante do destacamento de entãõ; está hoje redusido a fabricante de vellas de sebo na Capital do Ceará, que observa o resultado de seos desvãos, tendo quebrado com o deficit de 70 e tantos contos de res para com o commercio, e cerca de 18 contos para com a fazenda publica.

Naõ obstante o que vimos de reflexionar acentamos mesmo em que a sorte de Pacheco não será tão mesquinha em caso de quebradeira, porque enfim hé parente dos Mendes, que disem ser casa *milionaria*. Ficamos na espectativa quanto ao desfecho desses resultados que apressiaremos, voltando á materia, em occasião opportuna: porem se for verdade que Pacheco gastou tres contos de res com os officiaes e soldados na eleição de 2 de novembro, desde ja nos convencemos de que he verdadeira a noticia de ter elle gasto mais de quarenta contos

como se nos dis, e juntando a este, o desembolço da má cobrança pelas fazendas que vend ra fiadas a seos votantes e capangas (do carregamento que chegara nas entre vespera da eleição) só com o fim de agradar os seos votantes e capangas; e dinheiros que por elles pagou, não admira nos, que seo desembolço suba a mais de cem contos de res; porque alem do exposto disem que Pacheco depois das despesas ja referidas, mandara abrir seos armazens, e franquiar a seos votantes e capangas toda e qualquer qualidade de bebidas espirituosas que n'elles se encontrasse, divertindo-os a pos isso com hum orchestra musical de dia e noite pelo espaço de 18 a 20 dias. Assim se perde hum casa em poucos momentos; assim treslouca hum homem que podia faser a felicidade de sua familia. Suspendemos por ora nossas reflexões.

Queira sr. Redactor dar publicidade em seo *Araripe* a estas linhas, q' muito lhe agradecerá o seo assignante.

Hum observador

Crato 8 de Dezembro de 1856.

UM PEDIDO EM SEGREDO.

Meo charo sr José Pergentino da Rocha Gama não posso ser indifferente às occorrencias da epocha, não posso deixar de me derigir mui particularmente a você para me esplicar certos factos que me traseem a cabeça em um libarato. Lembra-me que você ja foi um dos guarda-peito de Miguel Chavier quando elle d'aqui fugio por motivos de o mandar matar aquelle seo amigo que se combinava (disem) com outro amigo do Miguel: lembra-me mais que você foi sempre um eleitor do Miguel desde que aqui chegou, lembra-me que você sendo saquarema só faz o que o partido lhe empõe por intervenção de seo tio: lembra-me finalmente d'aquellas antigas brincadeiras havidas entre você e os Lavores, lá por essas Lavras de meo Deos que é no fim deste mundo; agora que o vejo excluido da confiança e graça eleitoral, do baile e congos e das antigas relações com seos amigos da infancia, não posso atinar qual a razão que lhe fulminou essa negra condemnação. Você mudaria de politica? Não. Perdeo a capacidade para ser eleitor e substituido por algum bigorrilha trahidor? Talvez q' sim na mente de seos antigos amigos. Terá descoberto passagens antigas? Pior um pouco por que o considero humem honesto. Pois entãõ que diabo houve? Defina esse negocio, meo charo Gama, para descanso de seo predilecto.

Gamella

Crato 23 de novembro de 1856.

UMA SUPPLICA.

Roga-se ao sr. chefe de policia **Pereira da Cunha**, para que satisfaça o compromisso que seos amigos dominadores contrahiraõ com o surrador **Marcolino Florindo Ribeiro Campos**, em propol o ao presidente da provincia para o cargo de subdelegado de policia deste districto; porque elle por aqui affiança que seu nome sõra imposto à s. s., e que essa proposta deveria ter sido ja remettida a presidencia, e que ao mais tardar té 15 de dezembro deveria assummir taõ alta cathegoria, em remuneração de serviços eleitoraes. Affiança esse aspirante a policia que terá cuidado em mandar construir nesta povoação um formidavel tronco, para nelle trancafiar aos liberaes que lhe não queimarem insenso, e mesmo para pagarem o desaforo de se apresentarem na eleição passada. A todas essas quixotadas, muita gente responde em discordancia ao sr. **Marcolino**, e cre-se mesmo que o sr. **Pereira da Cunha** não dará mais essa lição de justiça, porque o pretendente sendo ainda um fedelho não pode ser um policia de mão cheia para os casos

ANNUNCIOS.

extremos, mas se contra toda expectativa o rapaz pílhar (e que não é lá essas coisas das mais immoraes) ninguém irá ao infame tronco, e muito menos se queimará insensu a quem ainda fedi a Cueiros. A nomeação é conveniente para que o sr. Marculino não monte o boi e vá ter a carrapateira.

Publique sr. redactor minha supplica que lhe será grato. Um dos prolectores dos signos innocentes. S. Anna 15 de 9brº de 1856.

CORRESPONDENCIAS.

— Sr. Redactor. Tenho apparecido no seu *Araripe* n.º 68 do primeiro do corrente com aggregado de calumnias, e mintiras contra mim, só propria de uma lingua viperina, devo dar uma satisfação ao publico, e para que o possa fazer, desafio a este calunniador, infame que declare o seu nome; e fim de que eu possa dar-lhe um solemne desmentido, e se o não fizer, passará por um mentiroso da mais baixa degraçação; e para que o publico suspenda o seu juizo a meu respeito, rogo-lhe Sr. Redactor, a publicidade destas linhas do seu assignante.

Missão-velha 24 de Novembro de 1856.

Francisco Telles de Mendonça Quinho.

— Sr. Redactor. Certos meos senhores querem praticar toda casta de asneiras e violencias e exigem ao mesmo tempo, como um tributo a sua pessoa, que ninguém analise suas acções e, quando o contrario succede põem a bocca no mundo a maltratar os outros. E' a esses justamente que a imprensa não deve poupar porque a opinião publica como um ramo da justiça terestree tem o direito de julgar a todos sem attenção ou respeito.

O Vigario da Barbalha esteve sempre em frequentes relações com Manoel Biserra morador aqui no Caldas criminoso pronunciado alli por tentativa de morte. Na eleição de novembro apresentou-o a votar perante a mesa parochial, que recebeu seu voto! Escandalo que teve lugar na presença do proprio delegado Joaquim Antonio ou Antonio Joaquim do Brejão. Agora de novo deo-lhe uma licença para casar-se! Como é que se pratica um acto destes? Pôr-se o Vigario de uma freguesia em contacto com um criminoso, e dar-lhe em sua casa licença para casar-se é uma immoralidade, que repugna com o character sagrado de um paracho! Mas que fazer-se quando este só procurando sevar sua avarosa, quer ganhar à torto e a direito, não tendo attenção a mais consideração alguma.

Manoel Biserra com essa licença apresentou-se ao Padre Antonio Pereira das Barreiras, e esse outro sacerdote, sem se lembrar de avisar a authoridade para o prender, o casou embigarrando-lhe os cobres, q' talvez ja tenha enterrado com o mais q' ganha com toda a caridade no exercicio de funcções tão sagradas.

Servão estas poucas palavras de advertencia tambem ao sr. Anna Santa, ou Santa Anna delegado de policia da Barbalha.

Como tenho muito de que me occupar com o Vigario da Barbalha sobre diversas outras cousas e meo principalmente sobre os dinheiros de sua matriz que elle tem chuchado, limito-me por agora somente a isto e logo voltarei. A. Gonçalves Rabello.

Caldas 10 de 9brº de 1856

— Sr. Redactor. Pergunte-se ao muito sabio honesto e virtuoso Vigario Pedro José de Castro e Silva, a que verba tem applicado os dinheiros recebidos de seus parochianos á titulo de officios parochiaes, pois sendo a tantos annos Vigario ainda não se dignou celebrar hum só officio pela alma d'aquelle de quem chuchou os dez mil reis! Pergunte-se mais; se a sua consciencia vive tranquilla a tal respeito! Barbalha 10 de 9brº 1856. Uma Alma inforquilhada.

— Joaquim José da Costa, procurador da Camara municipal desta cidade, tendo por muitas vezes avisado aos proprietarios, fereiros da mesma camara, que está vencido o prazo marcado por lei, para pagamento dos impostos municipaes, declara que vae proceder as cobranças executivamente.

Crato 11 de Dezembro de 1856

— João Martins Torres, morador na rua Laranjeira nesta cidade compra 500 cargas de rapaduras para receber na safra vindoura, e as paga adiantado: atratar com o annunciante.

— João Evangelista Cavalcante, vende seu sitio — Misericordia — com engenho, e boa casa de vivenda que ainda está empreto: tem bons commodos para grande familia, e foi construida com toda perfeição: o sitio é sumante abundante de agua de rega, e as terras são não mais a desejar para acultura da Cana; alem de todo isso ha mais a vantagem de ser o sitio collocado na distancia de menos de legoa desta cidade, que o constitue optimo para o acentamento de uma maquina de destilação de aguardentes. O annunciante está resolvido a vender essa propriedade por preço commodo porque pretende mudar-se do sitio. Crato 5 de Dezembro de 1856.

— José Alves Feitosa Liberal, não podendo pessoalmente agradecer aos srs. que o honraram com suas visitas nesta cidade, por se achar impossibilitado de calçar-se, o faz pelo presente, e retribuindo-se para o lugar de sua residencia offerece seus serviços a ditas pessoas. Crato 25 de 8brº 1856.

— No principio do corrente mes, furtaram do sitio Belo-monte, districto desta cidade, quatro animaes, sendo dois poltros do Tenente Coronel Amancio, um cavallo de um combociro, e outro do abaixo assignado; este cavallo é castanho, pequeno, com uma estrella na testa, novo e bom marçador, e tem o ferro de um B no meio, do qual puxa uma perna com um pé. Alem desses animaes tem-se furtado outros em sitios anexos, havendo toda probabilidade serem esses furtos feitos pela quadrilha dos cafagés e salvador, os quaes a longos tempos roubão impunemente escarnicendo de nossa policia, e assim continuará a surtir em quanto Fellis Tavares for inspector daquelle quartelão, porque os cafagés são seus parentes, e de quando em vez ahí estão. Quem apprehender e entregar o cavallo do annunciante será bem pago. Crato 15 de 9brº 1856.

Eugenio Nunes do Nascimento

Na noite de 11 para amanhecer no dia 12 deste mes, fugiti da cidade do Crato o escravo Vicente, official de ferreiro pertencente ao abaixo assignado; o escravo tem os signaes seguintes: Mulato, trinta e tantos annos pouco mais ou menos, estatura mediana, cheio do corpo e a catruado, cara comprida; olhos pretos e não pequenos, nariz grosso, bocca emporpugão, com falta de dentes na frente, e os que tem são limados, pouca barba, pernas regular, pés chatos e não pequenos; tem marcas de fogo, por causa do officio, nos pés, pernas e mãos. Conduziu um sacco de couro de Ovelha com rede, camisa, calça, palitô e dois chapeos um de couro velho, e outro de palha novo. Quem apprehender esse escravo e o conduzir ao annunciante será generosamente pago de seu trabalho, gratificando-se igualmente a quem do mesmo der noticia certa. Roga-se as authoridades policiaes a prisao de dito escravo, e sua remeça a casa do annunciante que promptamente satisfará toda e qualquer despesa que se faça. Engenho novo do Lameiro 13 de Dezembro de 1856. José do Monte Furtado.

Imp. por Jesuino B. da Silva